



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

QUELEN PEREIRA PINHEIRO

**RELATÓRIO DA PRÁTICA DOCENTE EM ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Jaguarão

2011

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: MEMORIAL DESCRITIVO.....	3
2. PLANEJAMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO	
2.1 DADOS REFERENTES À INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....	7
2.2 DADOS REFERENTES À SALA DE AULA.....	8
2.3 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA.....	9
2.4 ABORDAGEM TEÓRICO-PEDAGÓGICA: PRINCÍPIOS NORTEADORES.....	11
2.5 FIO CONDUTOR E EIXOS POSSÍVEIS.....	12
2.6 JUSTIFICATIVA.....	12
2.7 OBJETIVOS.....	12
2.8 ABORDAGENS POSSÍVEIS E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	13
2.9 AVALIAÇÃO.....	14
2.10 CRONOGRAMA (PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PRÁTICA)..	15
3. REFLEXÕES ANALÍTICO-TEÓRICAS SOBRE A PRÁTICA.....	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Quelen Pereira Pinheiro, tenho 21 anos, nasci na cidade de Bagé-RS, no mês de junho do ano de 1989. Atualmente moro no município de Jaguarão com minha família, estou cursando o 7º semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). E partindo destes dados iniciarei o memorial. Como escrevi anteriormente, nasci na cidade de Bagé e, após sair do hospital, voltei para a cidade de Aceguá, que é aproximadamente 60 km de distância entre um município e outro.

Para que minha mãe pudesse concluir seus estudos e trabalhar, fiquei aos cuidados de meus avós, sendo na casa deles que ficava durante a maior parte do dia.

Aos finais de semana, quando ficava em minha casa com meus pais, brincava com uma menina a qual tínhamos a mesma idade que eu, que morava nas proximidades de onde residia. Nós brincávamos diariamente. Recordo-me que mesmo antes de ser alfabetizada brincávamos de carteiras, saíamos a percorrer o quarteirão e copiávamos os números das casas em uma caderneta, para depois escrevermos cartas e enviá-las. Claro que eram apenas rascunhos, até por que não sabíamos escrever, era bastante divertido. Brincávamos na rua com triciclos, onde uma empurrava a outra e muitas vezes íamos parar no chão.

Em 1994, entrei na turma de pré-escola da rede pública, na cidade onde morava, e nesta permaneci até o ano de 2007, quando concluí o ensino médio, dito comum. Durante todos esses anos, conheci e convivi com pessoas muito especiais, as quais fizeram parte do meu crescimento. Foi na escola que fiz minhas amizades e iniciei o processo de aprendizagem escolar. Sempre tive notas razoavelmente boas, jamais fui uma aluna exemplar, mas uma aluna participativa.

Recordo-me do primeiro dia de aula, minha mãe na porta da escola com os olhos cheios de lágrimas, e eu pedindo para ela ir embora que eu queria ir para a sala de aula brincar. Adorava brincar com as massas de modelar e fazer de comida para as bonecas. Pedia para que os meninos cortassem em forma de

pastel ou picadinho para dar aos bonecos. Além das brincadeiras, tinha folhas para pintar e recortar, hora do conto, brincadeiras livres e dirigidas. A única atividade que detestava, e que ficou muito marcado, eram os trabalhos com papel crepom, com o qual tinha que fazer bolinhas e colar nos desenhos. Ficava doendo os dedos, mas tinha que fazer.

Em 1996, fui para a primeira série, estranhei bastante no início até porque a professora, as classes e a sala de aula eram diferentes. Perguntei para minha mãe por que as cadeiras e as mesas ficavam daquele jeito (uma classe atrás da outra). E obtive a resposta: é que a partir daquele momento a sala de aula era assim.

Após sair da aula, ia para a casa dos meus avós, onde tinha amigas diferentes da escola. Andava de bicicleta, brincava com gatos, fazia casa nas camas de beliche, onde dividia a casinha com lençóis e ficava ali por grande parte da tarde.

Meu avô tinha um posto de gasolina que meu pai trabalhava e, algumas vezes, eu ia para lá e adorava brincar com as garrafas de óleo, imaginando que eu os vendia, e ali ficava perguntando o que dizia nos rótulos.

Uma das brincadeiras que lembro perfeitamente, a qual aconteceu fora do ambiente escolar, foi quando tinha uns oito anos e fui brincar no pátio de uma casa abandonada próximo a casa de minha avó, com uma amiga. Ao chegarmos ao pátio com vassoura e uma caixa de brinquedo, encontramos um revólver dentro de um chinelo, que minha amiga pegou e me mostrou, dizendo que era de brinquedo, mas como eu conhecia os revólveres de brinquedo do meu tio, percebi que não era igual e pedi que ela soltasse. Foi quando ela se virou para o outro lado e puxou o gatilho, disparando uma bala. Com o susto, ela largou no chão e saímos correndo, voltando para casa contei para minha avó do ocorrido, a qual ligou para o pai da menina e este chamou a Brigada Militar, que foi até o local e recolheu o revólver. Semanas depois, deram a notícia que haviam descoberto a quem pertencia.

Voltando às recordações da escola, lembro-me quando as professoras ensinaram a fazer cartas, fazia várias para minhas colegas e também recebia tanto de meninas quanto de meninos, sendo que até hoje tenho algumas guardadas.

Em minha adolescência, fatos e pessoas que me marcaram muito foram os amigos e as viagens que fiz no grupo de dança gauchesca (invernada artística). Conheci muitos lugares principalmente do Uruguai, onde íamos concorrer.

Concorri à prenda de piquetes e CTGs por três vezes e ganhei por duas. Declamava poesias e fazia provas direcionadas a costumes gauchescos e sobre a cultura gaúcha. Posso dizer que é umas das coisas que sinto mais falta. Fora os aprendizados da escola, aprendi muito nesses concursos. Principalmente saber ganhar e perder, muitas leituras de poesias e jornais. Mesmo gostando de ler, aprendi a entender as minhas leituras, e posso dizer que me ajudaram muito para a escola.

No ano de 2005, fiz um curso de vendas, rotinas administrativas e informática, tendo duração de oito meses. Nesse curso aprendi como fazer documento para empresas e sobre digitação. E em 2006 fiz a prova para o CEFET na cidade de São Vicente do Sul, para o curso de zootecnia, em que não passei, ficando em uma classificação de 87º lugar 50 vagas, não tendo nenhuma chance de entrar, pois era muito concorrido, e quem entrava era muito difícil de querer desistir.

Em 2007, no 3º ano do ensino médio, ganhei um certificado da Melhor Colega, a honra de carregar a bandeira do Brasil no desfile de sete de setembro e ganhei também um livro de poesias por ser a melhor leitora e frequentadora da biblioteca da escola. A diretora e a bibliotecária faziam um levantamento na biblioteca dos livros retirados e por quem eram retirados, para que pudessem no final do ano dar prêmios para os alunos, motivando-os a ler mais, e acredito que deu certo.

No final desse mesmo ano era época de vestibular, e com o sonho de fazer Psicologia, mas devido às condições de minha família, a faculdade mais próxima de minha cidade era Bagé, e este curso tinha apenas na URCAMP, sendo uma faculdade privada, e meus pais não tinham condições de pagar. Foi quando resolvi olhar os cursos para a UNIPAMPA, que oferecia vários cursos, mas o mais próximo da Psicologia era Pedagogia, na cidade de Jaguarão.

Imprimi a lista de cursos e as cidades e levei para casa, para que minha mãe pudesse me ajudar a escolher. Sempre fui muito dependente e tinha medo de fazer a escolha sozinha. Após conversarmos, chegamos à conclusão que

era melhor fazer o curso de Pedagogia em Jaguarão do que o curso de Letras em Bagé, pois minha mãe acreditava que Pedagogia tinha mais áreas para atuação e o custo de vida era mais barato naquela cidade.

No dia seguinte, fiz minha inscrição e peguei a lista de conteúdos para estudar: não estava muito feliz, pois tinha meus amigos e namorado e, caso passasse, teria que ir embora para um lugar que conhecia apenas “de passada”. Digo “de passada” porque todos os anos no verão vínhamos para a Lagoa Mirim e, nos finais de semana, dávamos umas voltas por Rio Branco e Jaguarão.

Estudei dois meses e muito pouco, não sentia confiança na possibilidade de conseguir e também o fato de fazer uma faculdade me assustava, não sabia realmente como seria isso. No dia 18 de fevereiro de 2008, fui ver a lista dos aprovados do vestibular, e meu nome estava lá: voltei para casa com a notícia, meus pais ficaram muito felizes, e minha mãe iniciou a busca por casa e ver as coisas para a mudança, uma correria. No domingo, 30 de março, vim para Jaguarão com apenas algumas coisas básicas, que iria precisar até chegar a mudança. No dia 31, segunda-feira, iniciaram as aulas. Estranhei muito, principalmente o cheiro da cidade, mas no decorrer dos dias fui gostando e tentando me adaptar a uma nova cultura e a novas pessoas. Os dois primeiros anos foram um pouco sofridos, mesmo fazendo amizades na universidade, pois não eram amigos para sair e sim amigos de sala de aula.

Mas posso dizer que foi uma das melhores coisas que já fiz. Aprendi muito, conheci pessoas maravilhosas, fiz amizades verdadeiras, cresci como cidadã e, além de todas as coisas maravilhosas que me ocorreram durante esse tempo, posso dizer também que as leituras e os conhecimentos que obtive, e ainda tenho dentro da universidade, são muito valiosos para uma futura pedagoga e cidadã. Espero ajudar as pessoas, assim como muitas também o fizeram comigo, e colaboraram e ainda colaboram para o meu crescimento.

2 PLANEJAMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO

2.1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Nome: Escola Estadual de Ensino Fundamental Pio XII.

Endereço: Rua Augusto Leivas, nº. 785.

Bairro: Centro

Fone: (53) 32611545

Data de Fundação: 1960

Turno de funcionamento: manhã e tarde.

Nº. de Prédios: três

Ambiente Físico e Arranjo Espacial: A escola dispõe de oito salas de aula, uma cozinha, a sala dos professores, a secretaria, a sala da direção e uma biblioteca, sendo todas de alvenaria. Todas as salas são muito pequenas, mas bem arejadas e limpas. Cada sala de aula tem de duas a três janelas. A sala dos professores tem duas portas, onde uma dá acesso à sala da diretora e a outra para a secretaria. A biblioteca é muito pequena e não tem lugar para estudos, tem apenas uma mesa que é a da bibliotecária e essa mesa é igual a dos alunos na sala de aula. A biblioteca é um “depósito de livros”, onde apenas se retira e devolve livros, não sendo possível nenhum momento de lazer nem de atividade dentro desta. O pátio é formado por dois espaços, o primeiro é o que está na entrada da escola, este é todo calçado e coberto, tendo uma quadra adequada, para que os alunos possam aproveitar, e o segundo é aos fundos da escola, formado por uma pracinha, onde tem escorregador, pneus coloridos, balanço e material para os diversos tipos de esporte. A pracinha é murada e com árvores, também tem uma separação por uma tela, para determinar o limite entre as brincadeiras e as salas de aula.

Faixa etária atendida: de 4 anos de idade a 14 anos.

Número de alunos: 198 alunos

Número de funcionários: três

Reuniões cronograma da escola: A escola realiza uma vez por semana a reunião com todos os professores, esta reunião é no turno da manhã e da tarde, conforme o turno correspondente dos professores e funcionários presentes. No final de cada bimestre é feito o conselho de classe com a participação da direção e os professores correspondentes da turma. Este é de forma participativa sendo com a presença dos pais e alunos. Os aspectos discutidos no conselho são sobre os alunos, sendo: o rendimento, disciplina, características, notas e alguma observação que deve ser feita nesse momento. E já é feita a entrega dos boletins.

Direção: Adriana Dias Tuch

Coordenadora Pedagógica (supervisora/ orientadora): Maria Cristina

Regimento: Está em processo de elaboração de um novo regimento.

Rotinas da instituição: Manhã: 08h às 12h

Recreio: 10h à 10h15min e das 10h15min às 10h30min

Tarde: 13h30min às 17h30min

Recreio: 15h às 15h15min e das 15h15min às 15h30min

Proposta Pedagógica da escola: Encontra-se em processo de elaboração.

Escola/comunidade: A escola trabalha de forma atrativa para promover maior participação dos pais e comunidade. Esta realiza horas cívicas e festividades relacionadas às datas do calendário escolar, propondo estas questões para que a comunidade dê mais apoio à instituição.

2.2 DADOS REFENTES À SALA DE AULA

Nome do (a) professor (a): Sandra da Silva Moraes

Formação do professor (a): Magistério

Interação professor (a)/aluno e aluno/aluno: A interação do professor com os alunos é de forma profissional e com muito respeito. A professora intervém sempre que preciso. E a relação aluno-aluno é bastante harmoniosa, pois a maioria dos alunos participa das atividades propostas pela professora de forma respeitosa. Entre eles, a relação de afinidade é bastante classificatória, mas o respeito é de forma geral, muito forte.

Planejamento: De forma diária

Recursos didáticos: Livros didáticos e o seu caderno de estudos

Metodologia de trabalho: Giz, quadro negro, folhinhas, livros didáticos e material reciclável.

Rotinas: A entrada na sala de aula é em fila, após entrarem e dirigir-se até os seus lugares se posicionam para fazer a oração. Assim que terminam a oração, todos sentam e iniciam as atividades propostas pela professora. Às 9h50min lancham na sala de aula e 10h saem para o recreio. 10h15min, no momento que dá o sinal para retornar a sala de aula, se organizam em duas filas: meninos em uma e meninas na outra, aguardando a chegada da professora, para se direcionarem até a sala de aula e continuam suas atividades até o horário de saída. A saída também é em duas filas até a porta do prédio, aonde alguns vão com seus pais e outros sozinhos.

Sistema de avaliação: Provas, cadernos completos, trabalhos e disciplina em sala de aula. E na escola através da observação.

Conhecimentos/conteúdos trabalhados: Matemática, Língua Portuguesa, Historia/Geografia, Ciências e Religião.

2.3 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

- **Dados referentes à turma:**

É um 3ºano, conhecida como turma 30. Esta turma é formada por 16 alunos, sendo 9 meninas e 7 meninos, que variam entre 8 a 11 anos de idade. A maioria mora em bairros próximos à escola, sendo que apenas uma aluna utiliza o microônibus, e por esse motivo se retira alguns minutos antes da sala de aula. A maioria come a merenda da escola e os que trazem, se gostam do cardápio diário também a pedem,

não tendo nenhum tipo de discriminação e preconceito. São alunos bastante mistos a respeito de personalidades, uns mais agitados, conversadores, e outros mais tímidos e quietos, mas interagem uns com os outros sem apresentarem atritos.

A leitura de todos é compreensível e de forma clara. A turma exercita a leitura diariamente em sala de aula e em casa, utilizam os livros infantis disponibilizados na biblioteca uma vez por semana. E na disciplina de Matemática os alunos não apresentam grandes dificuldades, mas sim falta de atenção. E falando a respeito de atenção, a distração, dentro da sala de aula, é altíssima, os alunos se dispersam continuamente: olhando para o colega copiar, brincando com a borracha do lápis, olhando para o quadro observando as cores de giz que a professora utiliza e assim por diante. E até mesmo por este motivo que muitos se atrasam nas atividades.

Sempre que um aluno precisa de ajuda o outro se disponibiliza a ajudar, claro que isto ocorre mais frequentemente com os que têm mais afinidades.

Uma questão bastante curiosa que foi percebido a respeito da turma é que quando um aluno se atrasa, a professora determina que ele está sem recreio, este permanece em sala de aula, sem precisar ninguém cuidar, até porque a professora, no momento em que dá o sinal, sai da sala e se direciona para a sala dos professores, que não tem acesso a uma visualização se o aluno está na sala de aula ou se foi para o pátio.

A análise que pode ser feita da turma sobre a minha percepção é a de que a turma é caracterizada conforme os princípios da professora: a sala de aula é organizada em fila, para prevenir tumulto. Mas os grupos e as duplas, quando se tem diálogo não apresentam tumulto até mesmo porque a aprendizagem não se dá apenas de forma individual, é preciso interação para que novos conhecimentos possam ser adquiridos e associados. E a escola é o lugar em que se deve aprender com os colegas, brincando, conversando e interagindo, não apenas com a professora.

Outra importante forma de aprender são os horários de Educação Física, que são algumas vezes impedidos, e quando se tem são de forma livre, fazendo com que as brincadeiras dirigidas se tornem invisíveis, estas que são tão importantes quanto as outras.

Através de uma entrevista feita com a turma, foram levantados alguns dados a respeito de cada aluno, para que se pudesse conhecê-los melhor, ou seja, perceber algumas situações que são vividas fora do ambiente escolar.

As respostas foram exuberantes, principalmente a última. Que 87% da turma disse que se sente triste e chora e, 13% disse que fica brava.

Com esta entrevista, pode-se perceber a situação financeira dos alunos, a disponibilidade de tempo dos familiares com estes e a forma de reagirem em diversas situações. Estas respostas tornam-se tão importantes, para que se tenha melhor harmonia entre a turma, a professora e a família.

2.4 ABORDAGEM TEÓRICO- PEDAGÓGICA: Princípios Norteadores.

O Planejamento será de forma contínua e participativa, isto é, os alunos o colaborarão de forma que abranja as necessidades destes, relacionando a realidade e carência de cada um.

Planejamento é elaborar- decidir que tipo de sociedade e de homem se quer e que tipo de ação educacional é necessária para isso; verificar a que distância se está desse tipo de ação e até que ponto se está contribuindo para o resultado final que se pretende; propor uma série orgânica de ações para diminuir esta distância e para contribuir mais para o resultado final estabelecido; executar-agir em conformidade com o que foi proposto e avaliar- revisar sempre cada um desses momentos e cada uma das ações, bem como cada um dos documentos deles derivados. (Gandin, 1985. Pag.22).

A avaliação está juntamente com o planejamento fazendo a mediação entre a teoria e a prática. Sem a prática da avaliação, não haverá uma conclusão das propostas realizadas. E a didática será apresentada de forma que abranja todas as áreas necessárias para a contemplação dos conteúdos programáticos do bimestre. E serão trabalhados através de promoção de práticas de leitura e escrita, para que os alunos obtenham melhores resultados nas atividades de interpretação e compreensão. Refletindo sobre a metalinguística (gramática e ortografia) a partir da leitura e escrita dos diferentes gêneros textuais. Estes suprimindo as necessidades da disciplina de Língua Portuguesa e da interpretação das diversas áreas. Proporcionando o lúdico através de brincadeiras e jogos, investigando as vivências e aprendizagens de cada

aluno para seu processo de avaliação do conhecimento, incentivando para que os alunos se permitam a colocar-se no lugar do outro, pensando na realidade e nos diferentes pontos de vista. Expressando seus sentimentos e conhecimentos através da arte e desenvolvendo a coordenação motora e habilidades de concentração através do jogo. Estas sendo características das áreas de Ensino Religioso, Artes e Educação Física. E não esquecendo a Matemática, História/Geografia e Ciências, é proposto, à exploração dos diferentes significados do número e de suas relações. Das relações espaço-temporais considerando a realidade da comunidade dos alunos e também da reflexão sobre as características naturais de Jaguarão através da observação e registros de fenômenos e paisagens

2.5 FIO CONDUTOR E EIXOS POSSÍVEIS

O fio condutor escolhido para ser trabalhado na turma de terceiro ano, durante minha prática docente é localizando-se espacial e temporalmente na sua realidade e no mundo. Com os possíveis eixos: - Minha escola, meu bairro, minha cidade. E Jaguarão no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo.

2.6 JUSTIFICATIVA

Conforme a observação realizada no período de 02 a 06 de maio, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Pio XII, foi possível perceber e analisar as possíveis formas de trabalhar os conteúdos necessários. E partindo dessas análises para fazer o planejamento, construí primeiramente uma temática: **Localização**, do qual após foi nomeado como: "Localizando-se espacial e temporalmente na sua realidade e no mundo."

Essa temática também surgiu pelo fato de acreditar que devemos saber nos localizar, saber onde estamos e onde vivemos, para que após esse conhecimento consigamos compreender outros fatores que são tão importantes em nossa vida e no

nosso dia a dia, como: saber quem somos e qual o espaço que ocupamos. Principalmente na sociedade como cidadãos.

2.7 OBJETIVOS (específicos)

- Saber localizar-se nos diferentes espaços e ter a compreensão de sua localização;
- Praticar a leitura e a escrita, para que obtenham melhores resultados nas atividades de interpretação e compreensão;
- Saber reconhecer os diferentes significados dos números e de suas relações (quantidades, operações, formas de registros, sistema de numeração decimal em seus contextos de numeramento);
- Expressar o conhecimento através da linguagem oral;
- Saber explorar as relações espaços-temporais considerando a sua realidade de sua própria comunidade;
- Perceber as características naturais de Jaguarão através da observação e registros;
- Saber colocar-se no lugar do outro, pensando a partir das diferenças;
- Ampliar o vocabulário por meio das práticas variadas de leitura;
- Desenvolver a coordenação motora e habilidades de concentração através do jogo;
- Expressar seus sentimentos e conhecimentos através das Artes, por meio de desenhos, construção de maquetes e escritas.

2.8 ABORDAGENS POSSÍVEIS E SEUS DESDOBRAMENTOS

1. Minha escola, meu bairro, minha cidade

- Representação espacial da sala de aula através do desenho da sua planta baixa.
- Atividades cooperativas envolvendo o corpo e as relações espaciais na escola.

- Comparação do número de alunos que existem em cada turma da escola no turno da manhã, utilizando estas informações em situações-problema, relações entre quantidades (mais que, menos que, dobro, metade).
- Passeios em torno da escola para melhor observação dos componentes físicos presentes para que seja possível ser feita uma análise dos espaços que são ocupados e como são ocupados.
- Atividades de escrita com características descritivas, através da observação de imagens, anotações e lembranças do que foi visto no passeio em torno da escola.
- Socialização de seus aprendizados com os colegas através das rodas de conversas.
- Leituras em grupos e continuação de escrita, estas apresentando temas sobre sua cidade e sua casa.
- Produção de maquetes sobre a sua escola

2. Jaguarão no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo

- Exploração do SND através do ábaco
- Comparação do número de habitantes de Jaguarão e do RS.
- Exploração de mapas para melhor compreensão de localização.

PROCEDIMENTOS	RECURSOS
<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhos em grupos; • Trabalho individual; • Leitura oral e coletiva; • Jogos cooperativos; • Produção textual em grupo; • Produção textual individual; • Montagem de maquetes; • Trabalhos com reciclagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Jogos didáticos; • Cordas e bolas; • Gibis; • Utilização de mapas; • Folha de ofício; • Giz-de-cera, lápis de cor, canetinha; • Régua; • Material reciclado; • Papel pardo, cartolina; • Cadernos.

2.9 AVALIAÇÃO

A avaliação será de forma sistemática e contínua que se realizará ao longo da prática educativa com o objetivo de verificar se os alunos estão atingindo as metas previstas. E estas avaliações serão feitas através de apresentações orais, produções textuais, trabalhos em grupos e individuais. Assim podendo dizer que a avaliação é um conjunto de ações que auxiliam o professor a refletir sobre condições de aprendizagem oferecidas pela sua prática.

As crianças segundo Hoffmann (1991) “apresentam maneiras peculiares e diferenciadas de vivenciar as situações, de interagir com os objetos do mundo físico. O seu desenvolvimento acontece de forma aceleradíssima. A cada minuto realizam novas conquistas, ultrapassando nossas expectativas e causando muitas surpresas”. Assim, avaliar nos anos iniciais é uma forma de acompanhamento desse processo educativo que os alunos desenvolvem durante o ano.

2.10 CRONOGRAMA

Início da prática dia, 23 de Maio de 2011, e término previsto para o dia, 17 de Junho de 2011.

3. REFLEXÕES ANALÍTICO-TEÓRICAS SOBRE A PRÁTICA

O ensino [...] não deve limitar-se às atividades em si, mas deve conseguir envolver a capacidade reflexiva dos alunos, promovendo diálogos e discussões constantes, assim como comunicações orais e escritas dos resultados de seu trabalho. (MORAES, 1998, p. 12)

A prática pedagógica por mim realizada, no 1º semestre de 2011, foi em uma escola estadual, do município de Jaguarão/RS, lugar onde na verdade, procurei realizar atividades que abrangessem a temática localização, sendo que dela desencadearam-se dois eixos possíveis: a) Minha escola, meu bairro, minha cidade. b) E Jaguarão no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo. E é necessário destacar que, no decorrer de minha prática pedagógica, o trabalho com os eixos foi adquirido um caráter relacional, destacando que isso não foi muito fácil de ser alcançado, sendo por questões de disciplina dos alunos e também por falta de habilidade e experiência de minha parte, tornando assim o trabalho um tanto difícil, mas conforme o possível foi sendo feito.

Na primeira semana de prática docente, os sentimentos tanto dos alunos quanto de minha parte, foram de ansiedade e resistência. Ansiedade esta que era de como iniciar as atividades, e como seriam aceitas pelos alunos. E resistência principalmente dos alunos diante alguma atividade diferente.

3.1 Descobrindo interesses: os mapas como textos instigantes

Uma das atividades feitas foi sobre o lugar em que moramos, pedi que os alunos pesquisassem o que era município, como chama-se o nosso município e como chama-se nosso estado. No dia seguinte os alunos trouxeram as pesquisas. Estas que os deixaram bastante empolgados. Após conversarmos sobre essas pesquisas foi apresentado um mapa do Brasil destacando o estado do Rio Grande do Sul e o município de Jaguarão.



Nesse momento foi quando aconteceu uma situação curiosa, além dos alunos não identificarem no primeiro momento o lugar em que vivem, sentiram curiosidade de saber onde se localizavam outros países. Fazendo uma contribuição para o seu próprio conhecimento. Como bem destaca nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de História e Geografia (1997a, p. 157),

O espaço é, [...] a formalização do pensamento e é categoria como objeto de estudo da geografia. Sem dúvida, trata-se de dois aspectos da mesma questão, cada um guardando suas especificidades, mas ao mesmo tempo, com suas contribuições para que os alunos ampliem seus conhecimentos a respeito de espaço como noção e do espaço como categoria da geografia, o espaço geográfico.

E esta curiosidade fez com que surgissem vários questionamentos tornando a aula expositivo-dialogada, momento este em que pude trabalhar conceitos científicos da área de história e geografia. E como bem explica nesta citação do REFERENCIAL CURRICULAR DO RIO GRANDE DO SUL (2009 , p. 71)

[...] propõe-se que o aluno desenvolva competências e habilidades que lhe permitam compreender, com mais clareza, os diversos espaços que compõem o mundo, a partir de conceitos estruturantes da ciência geográfica, quais sejam, os de paisagens, lugar, território, territorialidade, redes, globalização, escala e ambiência.

3.2 Sobre as dificuldades encontradas: a questão da disciplina

Nesta semana destaco uma das atividades que foi proposta e que não obtivemos êxito por questões de disciplina, sendo ela, a atividade de Educação Física que foi apresentado alguns exercícios com a bola. Os alunos teriam que formar duas equipes, cada uma teria que passar a bola para o colega dentro de um tempo determinado, sem deixar cair ao chão, sendo uma brincadeira simples, mas que exigia concentração. Mas desde a formação das equipes foi um tanto complicado, pois, os alunos não aceitavam os colegas de grupo, sendo que, este descontentamento era em geral.

Eu como educadora, no momento interfeiri para que os alunos pudessem se escolher dentro das equipes, ou seja, que cada aluno ficasse na equipe em que se sentisse melhor. Mas mesmo assim, não teve contentamento destes, tornando a brincadeira “impossível” de ser realizada. Este “impossível” é pelo fato de que alguns alunos “sem limites” não queriam realizar a atividade e não deixando seus colegas fazer. Como bem destaca Aquino em um de seus trabalhos (1998, p.6):

[...] aluno sem limites é outra hipótese muito em voga no meio escolar, produto de nosso suposto e, às vezes, perigoso "bom senso" prático, diz respeito à suposição de que "as crianças de hoje em dia não têm limites, não reconhecem a autoridade, não respeitam as regras, e a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muito permissivos". "Quase todos parecem concordar com essa hipótese do "déficit moral" como explicativa da indisciplina.

Essa atitude fez com que a atividade mudasse de rumo, tornando-se um jogo de futebol livre de regras, havendo alguns desentendimentos.

Aparentemente essas atitudes pareciam ser porque os alunos não estavam acostumados a realizar atividades dirigidas. E esta impressão me causou até mesmo por não conhecer a forma que os alunos procediam nas aulas de Educação Física, ou seja, no momento da minha observação como já mencionei no decorrer do meu projeto, os alunos brincavam livremente em todos os horários de recreação e em especial de Educação física. Sendo que acredito que este horário também é de aprendizado. Como bem apresenta nos PCNs de Educação Física (1997b, p.29)

A Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana. [...] A prática da Educação Física na escola poderá favorecer a autonomia dos alunos para monitorar as próprias atividades, regulando o esforço, traçando metas, conhecendo as potencialidades e limitações e sabendo distinguir situações de trabalho corporal que podem ser prejudiciais.

Esta citação traz a questão do saber dos limites, o que nesta turma causava grandes problemas, este que na maioria das atividades tornavam-se obstáculos, impedindo a realização de mais uma atividade diferente. E como diz o escritor Aquino, “[...] é sempre bom lembrar que um mesmo aluno indisciplinado com um professor nem sempre é indisciplinado com os outros. E sua indisciplinada parece ser algo que se acentua dependendo das circunstâncias”(2007, p.13). E sobre minha percepção as circunstâncias ocorridas eram minhas aulas, ou seja, as atividades que eu propunha para eles, e acrescentar que esta minha percepção se construiu através de alguns depoimentos dos alunos, quando tinham que desenvolver alguma brincadeira para fixar o conteúdo. Um exemplo foi quando fizemos o jogo de boliche de cálculos (fixando a base 10, mais especificamente o “milhar”) que um dos alunos deixou bem claro: *Eu não aprendi nada, só brinquei de montar umas contas e não copieei nada no caderno*. Esta foi a resposta que obtive quando perguntei o que eles tinham aprendido com o jogo. Sendo que o jogo, nos PCNs de Matemática se apresenta como: “A participação em jogo de grupo também representa uma conquista cognitiva, emocional, moral e social para crianças e um estímulo para o desenvolvimento de seu raciocínio lógico”. (1997c, p. 49). Então mais uma vez sofremos dificuldades em desenvolver as atividades.

Também é válido destacar que os alunos apresentavam grandes problemas de relacionamento. Estes “problemas de relacionamentos” se focavam mais

especificamente a dois alunos, que tinham situações problemas em casa, em suas famílias, identificados assim, pela direção da escola, e pela comunicação obtida dos responsáveis. Estas informações foram repassadas para a professora no decorrer dos problemas enfrentados em sala de aula. E sobre esses problemas, Aquino (1998, p. 08) em um de seus artigos deixa claro que:

O trabalho familiar diz respeito à moralização da criança - essa é a função primordial dos pais ou seus substitutos. A tarefa do professor, por sua vez, não é moralizar a criança. O objeto do trabalho escolar é fundamentalmente o conhecimento sistematizado, e seu objetivo, a recriação deste. O resto é efeito colateral, indireto e mediato.

A questão disciplinar tornou as aulas exaustivas e as brincadeiras um tanto difíceis de serem contempladas, atrapalhando também no aprendizado e concentração da turma.

3.3 Provocando boas discussões sobre meio ambiente

Na semana do meio ambiente a atividade sobre o lixo foi uma das que aparentemente obtivemos êxito. Apresentei em *Power Point* as características, as classificações, coleta seletiva e o destino do lixo, para que os alunos pudessem observar o conteúdo de uma forma diferente das que estavam acostumados, ou seja, quadro, giz e caderno.

No início da atividade, os alunos demonstraram-se interessados, fazendo vários questionamentos e socializando o que eles sabem sobre o lixo, e seus conhecimentos do dia-a-dia a respeito deste.

Inicialmente os alunos classificaram o lixo como coisa suja, fedorenta, que traz doenças, contém micróbios e que faz mal a saúde. Após as explicações, os alunos perceberam que ao separarmos estes, pode-se ter outros conceitos do lixo. Como bem destaca Mucelin (2008, p. 117)

O lixo era percebido pela maioria como algo que não tinha mais utilidade, uma sobra de material descartável, aquilo que as pessoas desejavam jogar fora, geralmente, vinculado à sujeira, imundície, sujidade e ao mau cheiro. Não obstante, o lixo também foi percebido e considerado como um conjunto de materiais com valor econômico agregado.

Também questionaram sobre as lixeiras e quais os lugares que deveriam ter, lembrando que em outras escolas conhecidas, observaram que tinha lixeiras de coleta seletiva e que na escola deles não. Surgindo assim a ideia de fazer uma carta para a diretora, pedindo que se fosse possível providenciar as lixeiras para que fossem expostas no pátio da escola, contribuindo com a limpeza do ambiente e fazendo sua parte como cidadão consciente dentro da sociedade.

Após discutirmos sobre o lixo, foi feito um desenho sobre sua trajetória. Sendo o trajeto feito pelos alunos de sua casa até a escola. Observando também se as ruas são limpas ou contém lixo.



E o que deve ser destacado é que alguns alunos conseguiram transmitir seu desenho através da linguagem cartográfica. Como diz Brito (2009, p.01)

As potencialidades da comunicação cartográfica inserem os usuários dos mapas na leitura e interpretação da mensagem, expressa através de um conjunto de signos, bem como através de pontos, linha e polígonos, o que permitem a formação de idéias e inferências acerca

da realidade para além daquelas relacionadas ao domínio e a apreensão do Espaço Geográfico.

E acredito que esses desenhos possam ser o reflexo do contato com os mapas no início do projeto, trazendo assim esses resultados. Os trajetos foram muito bem desenhados, pois a utilização da cartografia extrapola as suas funções técnicas, contribuindo no sentido da compreensão do Espaço Geográfico e possibilitando ao aluno a percepção e o entendimento do território e do mundo em que vive¹.

3.4 Expressando saberes através de maquetes

Neste capítulo, gostaria de destacar a exposição de maquetes realizada pelos alunos, este que foi proposto desde o início de meu estágio.

Os alunos fizeram também uma maquete destacando um espaço da escola. Os lugares podiam ser: a pracinha, a sala de aula, a quadra, toda a escola ou o entorno desta.

Sendo que os alunos tiveram o livre arbítrio para escolher a parte que gostariam de representar.

Este trabalho teve início com a observação e descrição do espaço, para que após pudessem representar em seus trabalhos. Sendo que a observação e a descrição são os pontos de partida básicos para início da leitura da paisagem, ou seja, a descrição é fundamental, porque a paisagem não é experimental e sim visual².

A maquete foi escolhida para que os alunos pudessem representar um espaço do qual eles frequentam diariamente e para que pudessem construir uma percepção de espaço e de localização. Como bem especifica Quintela (2001, p. 4)

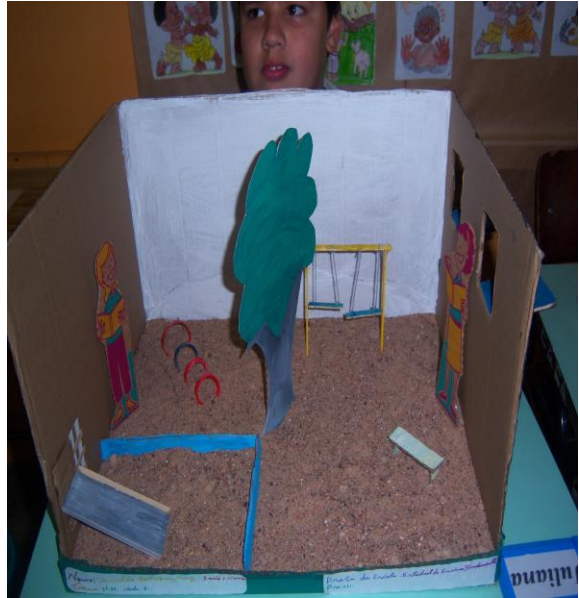
Uma maquete é um modelo reduzido e simplificado da realidade. Sendo elaboradas pelos próprios alunos, [...] segundo o IBGE, permite aos grupos de alunos assumirem o papel de construtores de seu próprio conhecimento e da própria “construção”, pois, somente através da integração com os outros grupos é que se obterá o produto final: a maquete.

¹ BRITO, F.J de O. HETKOWSKI, T.M. *A Linguagem Cartográfica: Discussão e Contemporaneidade*. Interculte, 2009.

E os alunos conseguiram fazer trabalhos maravilhosos, utilizando-se do espaço proposto dos materiais. E sob minha avaliação as dimensões entre tamanho e a realidade foram muito bem elaborados. Os alunos conseguiram construir os trabalhos tendo uma percepção da realidade, ou seja, as janelas da sala de aula estão proporcionais com o tamanho das classes, do quadro e dos armários, deixando o trabalho muito bem estruturado.



² PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS HISTÓRIA E GEOGRAFIA, 1997a. Pág.155.



A exposição das maquetes foi organizada juntamente com os alunos, estes formaram grupos de quatro e cinco alunos, para irem às salas de aula convidar as outras turmas para a exposição dos trabalhos feitos. No momento em que as turmas e os professores estavam visitando, os alunos ficaram posicionados cada um ao lado do seu trabalho, explicando e tirando dúvidas dos visitantes.

Eu como educadora ao olhar para os alunos percebi a grande satisfação deles. Segundo comentários, sentiram-se importantes diante dos seus trabalhos e valorizados pelos elogios de outros colegas e demonstraram empolgação para realizarem outras exposições.

Isso me fez perceber que apesar das dificuldades enfrentadas durante o período do meu estágio, foi possível sim, fazer uma atividade diferente das que estavam acostumados e obter êxito. E não apenas a conclusão do trabalho foi gratificante, mas sim olhar para eles e perceber que estavam realizados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Primeiramente antes de falar da minha prática pedagogia é impossível não destacar que durante todo o processo de formação acadêmica, não temos praticamente nenhum contato com a realidade, ou seja, a de entrar em uma escola, pois ficamos mais restritos as discussões e teorias que também é de fundamental importância, mas que não supre completamente nossas necessidades como docentes.

Sendo que o estágio é uma oportunidade valiosíssima, pois é através dele que podemos colocar em prática alguns conhecimentos adquiridos ao longo do curso. E foi uma experiência que me proporcionou um enorme aprendizado, pois existem coisas que somente a prática pode ensinar, como por exemplo, o comportamento dos alunos, muito se fala sobre esse assunto, mas só sabemos como agir frente a essa situação vivenciando ela, e assim mesmo é um tanto difícil, principalmente para aqueles que nunca haviam entrado em uma sala de aula, sendo este o meu caso. Até porque o que funciona para uma turma pode não funcionar para outra, pois não existe uma “receita de professor”. O que precisamos é ter clareza de que tipo de professor seremos e o que queremos ensinar a nossos alunos

Para mim o estágio na Escola Estadual Pio XII foi muito bom, fui bem recepcionada pela instituição e pelo corpo que faz parte da mesma. Na maioria das situações faziam com que me sentisse á vontade, principalmente nas reuniões. E desta, o que levarei para minha vida profissional também pessoal, serão as lições e os aprendizados que obtive na instituição. Isto principalmente por ter sido a minha primeira inserção em uma sala de aula, ou seja, nas séries iniciais do ensino fundamental, este que era um público diferente do primeiro estágio, o da educação infantil.

Muitas coisas que aconteceram serão fatos que guardarei comigo e levarei como experiência. Podendo destacar assim o que mais aprendi: que nem sempre o que planejamos é como realmente esperávamos, e é através de erros e acertos que nos constituímos profissionais dedicados. Primeiro pelo que fazemos e por sempre buscar aprimorar. E segundo por tentar aperfeiçoar no que foi falho.

E para finalizar, penso que embora para fazermos um bom estágio precisamos passar por um processo longo e cansativo, que são projetos, planos, caracterizações da instituição e alunos, muitas leituras e estudos, acredito que tudo isso é parte de um

procedimento que servirá além de tudo como fonte para nossa profissionalização, fonte esta que é indispensável.

REFERÊNCIAS:

AQUINO, J. G. **A indisciplina e a escola atual**. Rev. Fac. Educ. vol.24 n.2
São Paulo July/Dec. 1998

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: História e Geografia / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1997a.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1997b.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Matemática / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1997c.

BRASIL, Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, Lições do Rio Grande. Volume 1, Porto Alegre: MEC/SEE, 2009.

BRITO, F.J de O. HETKOWSKI, T.M. **A Linguagem Cartográfica: Discussão e Contemporaneidade**. Interculte, 2009

GANDIN, Danilo. **Planejamento como prática educativa**. São Paulo:Loyola, 1985.

HOFFMANN, J.M.L. **Avaliação: mito e desafio**. Uma perspectiva construtivista. Porto Alegre, Mediação.1991

MORAES, Roque. **Ciências para as séries iniciais e alfabetização**. Porto Alegre: Sagra. 1998.

MUCELIM, C. A. BELLINI, M. **Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano**. 2007

QUINTELA, M. A. **O Brasil em Relevo: da construção de maquetes de relevos, como trabalho escolar, a sua utilização como recurso didático por alunos deficientes visuais**. 2001

Anexos
